

# O TRABALHO

Órgão da Corrente O Trabalho do Partido dos Trabalhadores - Seção Brasileira da 4ª Internacional

[www.otrabalho.org.br](http://www.otrabalho.org.br)

R\$ 4,00 (solidário R\$ 5,00)

nº 784 - de 14 a 28 de abril de 2016

# NÃO VAI TER GOLPE!

## VAI TER:

# REFORMA AGRÁRIA

# DIREITOS

# EMPREGOS

# DEMOCRACIA

# SOBERANIA

# OUTRA POLÍTICA ECONÔMICA

“Ontem utilizaram a farsa do vazamento para difundir a ordem unida da conspiração”, disse Dilma sobre o discurso de “posse” de Temer

# Luta com a cara da juventude

Nas manifestações, shows e jogos de futebol, contra o golpe

A juventude tem mostrado uma grande disposição de luta contra o golpe. Está na linha de frente da organização de uma série de atos, manifestações e outras atividades em defesa da democracia, assim como tem sido, visualmente, um dos principais componentes reunidos nos grandes atos organizado pela CUT, UNE, e outras organizações na Frente Brasil Popular.

Em São Paulo, por exemplo, o comitê USP Contra o Golpe fez um chamado para uma concentração de estudantes no ato do dia

da Universidade. No dia 9, por exemplo, centenas participaram de uma aula pública organizada pelo Comitê USP Contra o Golpe, na praça Roosevelt, no centro de São Paulo.

Em Brasília, a Juventude Revolução organizou um Sarau da Resistência no dia 7, na UnB. Nele, teve uma batalha de MCs com o tema do golpe. Cerca de 400 pessoas participaram do sarau. No Sul Fluminense também teve MCs no ato organizado pela Frente Brasil Popular, com organizações de juventude como a JR, e foi no mesmo dia 7.



Sarau da resistência na UnB



Praça Roosevelt, São Paulo, 9 de abril

31. Estiveram presentes secundaristas, alunos da PUC, da Uninove, da Mackenzie, da Unifesp.

Vale registrar, no mesmo dia 31, o sindicato dos servidores da USP (Sintusp), filiado ao Conlutas, e o DCE, dirigido por militantes do PSTU e PSOL, chamou uma greve com reivindicações difusas, sem qualquer menção ao golpe. Uma tentativa de esvaziar a mobilização contra o golpe, dada a posição desses setores que, na prática, fazem o jogo dos golpistas.

Mas os estudantes da USP não estão se deixando enrolar e participam das atividades convocadas para barrar o golpe, dentro e fora

## Artistas e públicos também se manifestam

Uma série de artistas - músicos, escritores, atores, diretores, cartunistas - também têm se manifestado contra o golpe. A sambista Beth Carvalho, cuja importância na música brasileira é inegável, lançou um samba, por exemplo. Ela canta: "não vai ter golpe de novo, reage, reage meu povo!"

Beth esteve presente no ato Cultura pela Democracia, no Rio, com Lula, no dia 11, ao lado de Chico Buarque, Gregório Duvivier, Tico Santa Cruz, Flavio Renegado e outros.

As manifestações não acontecem

só nos atos marcados. Também tem muita expressão espontânea em shows, como o que aconteceu no show do Criolo no dia 2 de abril. Fãs do cantor levaram uma faixa "não vai ter golpe", faixa que, a convite do DJ Dandan, foi estendida no palco e o público entoou essa palavra de ordem.

Aconteceu mais ou menos o mesmo no show gratuito de Gil e Caetano, no mesmo dia. A multidão cantou "Não vai ter golpe", e Caetano respondeu "não vai".

Enquanto isso, Lobão, que só se mantém na mídia por conta de suas declarações reacionárias, tem show cancelado por falta de

público... e culpa o PT!

## Luta contra o golpe nos estádios

Começou com a Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, colocando faixas contra "o ladrão de merenda", contra a Globo e CBF. A ideia pegou, e outros torcedores se manifestaram, como foi no caso do jogo entre Vasco e Flamengo no Mané Garrincha, no qual torcedores de ambos os times se uniram em uma faixa contra o golpe, assinada "torcedores unidos contra o golpe". No mesmo jogo, torcedores do Flamengo colocaram a faixa "Globo Golpista" atrás do escanteio, e a emissora parou de transmitir as cobranças.



Torcedores do Vasco e Flamengo

## UNE sob ataque

Marco Feliciano (PSC), famoso homofóbico e inimigo da juventude, está liderando um ataque à principal entidade estudantil, a União Nacional dos Estudantes (UNE). O deputado pretende instalar, na Câmara Federal, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para perseguir a entidade. Ele está colhendo as assinaturas pessoalmente, e afirma que já tem mais de 100 nomes. Para ser instalada, a CPI precisa ter 171 assinaturas.

Em seu discurso, Feliciano acusou a UNE de "falcatrua", mas não escondeu o verdadeiro motivo: afirmou reiterada vezes o papel da

entidade na luta contra o golpe.

Esse, claramente, é mais um passo na tentativa de criminalizar os movimentos populares. É o que, sabemos, está por trás da operação da burguesia e do judiciário, que começa tentando destruir o PT, mas que visa o conjunto das organizações que devem servir para a resistência da classe e da juventude.

Ao mesmo tempo, diretores da UNE que se encontravam em Brasília para fazer visitas a gabinetes de parlamentares e pressionar pelo voto contra o impeachment relataram que passaram a ser impedidos de entrar na Câmara Federal, a "Casa do Povo".



Gaviões da Fiel

# Dia 18 de abril: a luta continua

N uma semana decisiva para barrar o golpe, nas fábricas, escolas, locais de trabalho e nas ruas, tudo se concentra em ampliar a força da maioria do povo trabalhador que não quer ver o país mergulhado no retrocesso pretendido pelas forças que articulam o golpe.

Entre os dias 15 e 17 estará em votação o fraudulento pedido de impeachment da presidente Dilma, turbinado pela fraudulenta Operação Lava Jato. O que farão os deputados desse Congresso, o mais reacionário desde 1964, o povo não controla. Mas uma coisa é certa, a força que vem se construindo, em particular depois das robustas manifestações de 18 de março, seja qual for o resultado da votação, estará disposta a prosseguir o combate.

As organizações operárias, sindicais e partidárias, o movimento popular, a juventude, o movimento democrático, os artistas, intelectuais, juristas, profissionais liberais, donas de casa, aposentados, religiosos, jornalistas, enfim a maioria do povo trabalhador levantou a cabeça para dizer, “não vai ter golpe!” e defender seus direitos.

Eganaram-se os golpistas que esperavam liquidar a fatura com a mesma facilidade com que levam coxinhas para passear aos domingos nas grandes avenidas e orlas marítimas.

O movimento de resistência contra o golpe

retomou e aprofundou a polarização das eleições de 2014. É a luta das classes oprimidas para defender o mandato dado nas eleições presidenciais, derrotando a elite pró-imperialista, mancomunada com os que mandam a partir de Washington.

## “NÃO VAI TER GOLPE, VAI TER REFORMA AGRÁRIA”

Nos dias 15 e 17 os trabalhadores da cidade e do campo que produzem a riqueza desse país, e com eles todas as camadas sociais comprometidas com os interesses da maioria do povo e da nação, estarão mobilizados, de olho.

Dia 18 começa uma nova etapa da luta. Não é apenas derrotar o golpe, senão no Congresso, e no Judiciário, nas ruas. É derrotar também a política dos golpistas que querem entregar o país à espoliação do capital financeiro. É derrotar também a política dos golpistas que pretendem jogar os trabalhadores à exploração sem freios dos patrões, e por isso querem destruir as organizações construídas na luta da classe trabalhadora.

Mas as organizações estão de pé e chamam o combate.

Com tudo e por tudo, o PT há anos sob fogo do Judiciário para aniquilá-lo, que se

viu desnaturado pela política de alianças com setores que hoje se aliam a seus verdadeiros pares, os golpistas, o partido que no governo, apesar das conquistas arrancadas pela luta, frustrou as expectativas de reformas profundas, esse partido começou a levantar a cabeça, empurrado pelos pés que o construiu.

Em que pese o ódio disseminado pelos setores reacionários, com direito a propaganda gratuita na grande imprensa, o PT, agindo como agia, pode conduzir a maioria do povo oprimido a uma luta sem trégua às forças da reação. É o que se espera. É por isso que ecoou a frase do companheiro, ministro Patrus Ananias, quando do anúncio de medidas de retomada de assentamentos para os sem-terra: “Não vai ter golpe, vai ter reforma agrária!”

Não vai ter golpe, vai ter emprego! Não vai ter golpe vai ter direitos, educação, saúde, democracia e soberania!

Seja qual for o resultado da votação no Congresso Nacional, a situação aberta com o golpe em marcha não estará encerrada. Com o Diálogo e Ação Petista, engajado na criação dos Comitês contra o golpe, queremos contribuir para o desenlace positivo dessa situação, para o povo e a nação, reforçando a luta pelo atendimento do anseio majoritário inscrito nas urnas em 2014, de mudanças profundas para livrar o país da dominação imperialista.

## ANDERSON, 10 ANOS - ATO PÚBLICO EXIGE JUSTIÇA!



Em homenagem ao camarada Anderson, militantes do PT, sindicalistas e jovens lembraram sua trajetória de luta na juventude e no movimento operário. Militante da Corrente O Trabalho e presidente do Sintrafrios-RJ, Anderson foi assassinado no dia 10 de abril de 2006 e até hoje os culpados não foram encontrados. A atividade decidiu por retomar o Comitê Justiça para Anderson, que foi instaurado uma semana depois do assassinato, iniciando ampla campanha cobrando a apuração e a punição dos culpados. O Comitê cobrará da Secretaria de Segurança

Pública do RJ, através do gabinete do vereador do PT Reimont o andamento do inquérito e inicia uma campanha de moções dirigidas ao governo estadual exigindo a reabertura das investigações. A decisão é integrar o Comitê às atividades em defesa da democracia e contra o Golpe, conforme trecho do Manifesto, distribuído aos trabalhadores da Nestle-RJ no dia seguinte: “Nossa homenagem ao companheiro assassinado também é lutar para garantir os direitos dos trabalhadores e do povo, pelos quais ele lutou toda sua vida. E é para tirar esses direitos e impedir que conquistem outros que hoje está em curso um golpe no nosso país, contra uma presidente eleita pelas urnas e atacar as organizações dos trabalhadores e do povo. Golpe patrocinado pela Fiesp e Firjan, entidades que reúnem os patrões, Rede Globo e a grande mídia, os mesmos responsáveis pelo golpe de 1964, e pelo Judiciário, o mesmo que nestes 10 anos não foi capaz de investigar e punir os responsáveis pela morte do nosso companheiro...”

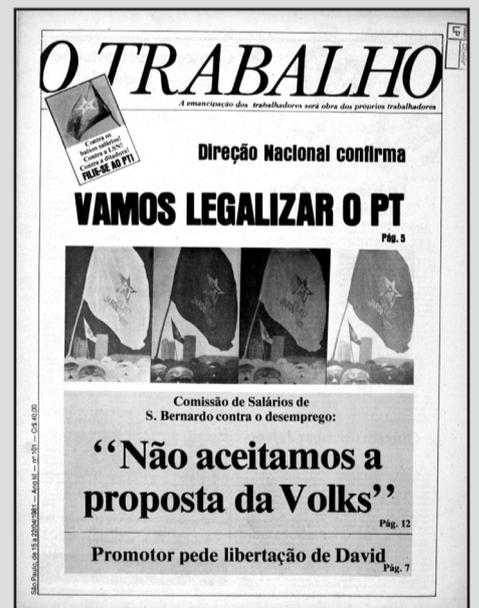
**Justiça! Direitos para os trabalhadores e o povo!  
Companheiro Anderson, presente!**

## Memória

### JUSTIÇA DA DITADURA PERSEGUE LULA E JACÓ BITTAR

No último dia 9, em Manaus, cinco dirigentes sindicais – Lula, Jacó Bittar, José Francisco da Silva, Francisco Alves Mendes Filho e João Maia da Silva Filho – foram julgados pelo Conselho de Sentença da 12ª Circunscrição Judiciária Militar. (...) Lula, Bittar e os demais sindicalistas (...) são acusados de terem incitado a população da cidade de Brasileia (AC) (...) a vingar com suas próprias mãos o assassinato de Wilson de Souza Pinheiro (líder sindical e militante do PT) (...). E, para impedir o avanço do PT, a ditadura militar busca seu principal dirigente, Lula, e seu secretário-geral, Jacó Bittar. Pois, como se sabe, uma vez indiciado em processo, Lula não poderia participar de eleições.

O Trabalho nº101 – 15/4/1981



### Quem somos

O jornal O TRABALHO é o órgão da Corrente O Trabalho do PT, seção brasileira da 4ª Internacional. Sua edição nº 0 foi lançada em 1º de maio de 1978, em plena ditadura militar. Um jornal a serviço da luta dos trabalhadores, no Brasil e no mundo, ele se mantém fiel deste então à luta pelo fim do capitalismo, pela emancipação dos trabalhadores que será obra dos próprios trabalhadores. Em toda sua história, manteve o compromisso assumido em 1º de maio de 1978: “um jornal independente dos patrões, de seus partidos e governo”. É por isso que ele se sustenta, exclusivamente, pela venda junto aos trabalhadores e jovens, os nossos leitores. Ele é vendido de mão em mão ou por assinaturas e toda arrecadação é para manter o próprio jornal.

Site: [www.otrabalho.org.br](http://www.otrabalho.org.br)  
Arte: Mariana Waechter

Facebook: [www.facebook.com/jornalotrabalho](https://www.facebook.com/jornalotrabalho)

# Decisiva, incerta e de ebulição

## Esta é a semana contra o impeachment

Esta é uma semana decisiva que não vai acabar domingo, com a decisão da Câmara dos Deputados.

Porque continuarão os elementos que se combinam explosivamente. No caso de ser derrotado este impeachment, a oposição voltará a carga, o PT terá que avançar, recuar é suicídio. No caso de ser aceito o processo de impeachment e Dilma depois afastada por seis meses no Senado, Temer não conseguirá governar.

O fato é que a nação parou. Os trabalhadores vivem a regressão: 10 milhões desempregados, metade dos reajustes salariais de 2015 foram abaixo da inflação, e piorou.

No terceiro ano de recessão, a arrecadação pública não para de cair. Com a enorme despesa da dívida devida à taxa de juros, cresce o desequilíbrio fiscal. Em consequência, caem os investimentos do Estado e se deteriora o serviço público prejudicando quem mais precisa, o povo.

As camadas médias, irritadas, vivem uma crise de confiança.

Nessa situação dramática, um golpe institucional foi decidido para passar o programa da "Ponte para o futuro" de Temer, de liquidação dos direitos e conquistas sociais e nacionais.

Há alguns meses, bancos, multinacionais, federações patronais e ruralistas - com respaldo em Washington (v. pág.10) - se acertaram para isso com a oposição e a mídia, convocando às ruas os coxinhas.

### Cabresto parlamentar, golpe judiciário

O Judiciário é seu principal instrumento, mesmo se cabe ao Congresso o ato da destituição em favor do PMDB-PSDB (como em 1964, o golpe era militar, mas foi o presidente do Congresso quem declarou ilegalmente "vago" o cargo de Jango).

Afinal, a Lava Jato foi fundamental para deprimir a economia, destruir empresas e desempregar. Foram Moro, os promotores e o STF que bloquearam a posse de dois ministros, grampearam e travaram o governo. Eles trazem Cunha, Temer e Renan encabrestados na rédea curta de processos cabeludos. Há 279 políticos na lista da Odebrecht!

O problema é que essa gente não tem autoridade nas camadas populares. Para não falar que o impeachment carece de legitimidade - "pedalada" nunca foi crime de responsabilidade,



38 picaretas da Comissão aprovam relatório pelo impeachment

explicam juristas.

Quanto mais tempo passa, mais o povo percebe a realidade. As pesquisas mostram que cai seu apoio enquanto resiste ou sobe a figura de Lula.

Por isso, há divisões entre os golpistas. Receiam um governo Temer fraco para atacar as massas e, pânico, incapaz de proteger seus negócios. Vem daí a tese das "eleições gerais" que, nesta situação, é a forma dissimulada da direita derrubar o governo para formar uma coalizão capaz de atacar o povo (sobra a Zé Maria, do PSTU, e a Luciana Genro, do PSOL, a ginástica de explicar que focinho de porco não é tomada).

### Constituinte e Programa de Emergência

A verdade é que o êxito das jornadas massivas de 18 e 31 de março abalou o golpismo. Ainda mais pela "surpresa" do PT retomar as ruas. Não apenas setores da militância, mas o PT com suas bandeiras ao lado da CUT, do MST e outras organizações. Com essa, os golpistas não contavam.

É possível vencer o golpe!

Tardiamente, é verdade, Lula e a direção do PT passaram a se defender, mas a seu modo, contraditório e hesitante.

O PT adotou um "Programa de Emergência" com medidas que sinalizariam para o povo, mas - há 45 longos dias! - o governo ainda dá uma no cravo e duas na ferradura.

O PT demorou 10 anos para enten-

der a AP 470 (mensalão), mas após 2 anos de Lava Jato, ainda tem gente na direção achando que ela é bem-intencionada...

O PT desacreditou do abandono da coalizão pelo PMDB e, mesmo depois, o governo só anunciou "repactuar" a coalizão garimpando um "centrão" nos partidos de sempre.

O governo e a bancada estão buscando votos para derrotar o impeachment. Tomara que derrote. Mas a composição para rejeitar o impeachment serve de coalizão para governar?

De outro lado, a banda fisiológica abandona o PT - 1/3 dos prefeitos e 20% dos vereadores em SP (a imprensa calcula 20% dos prefeitos no país). Havia um apodrecimento, a debandada é profilática. Mas a porta continuará aberta?

Não são perguntas inoportunas. São questões para iluminar respostas necessárias para vencer, salvar o partido e o mandato popular de 2014.

Todo mundo sabe que não adianta trocar um grupo do PMDB por outro do PSD, PP etc., que serão o combustível do próximo impeachment.

O PT inteiro deveria - toda a estrutura parlamentar e as administrações - sair à rua, sentir o pulso do povo e dar o ritmo da mobilização, como principal organização que é, sem delegá-lo a outros. Pois como diz o Manifesto de fundação, este deve ser o principal terreno do PT.

O governo Dilma tem que girar, abraçar o "Programa de Emergência" e dar prioridade máxima à reforma política, a forma de lutar contra a corrupção. Seria, então, mais urgente que nunca reformar de cabo-a-rabo as instituições do Estado, Legislativo e Judiciário inclusive, o que só a Constituinte Soberana pode fazer.

### O tempo encurtou!

Incomoda, mas não estranha a diferença em camadas populares que ainda não entraram na luta. Afinal, o PT perdeu as eleições de 2014 nos principais centros, seja por frustração, conservadorismo ou anestesia midiática.

Mas, nós entramos naquela fase em que semanas contam meses e meses contam anos, "a consciência caminha aos saltos". Quando o povo começa a reagir. Quando o golpe judiciário se revela. Quando patrões dizem o que querem e o mais discreto dos banqueiros mostra as garras.

Nem oportunismo parlamentar (não há verdadeiro parlamento dentro do qual se fechar), nem aventureirismo.

Firmeza de propósito. O caminho passa pela classe trabalhadora, única capaz de derrotar de vez o golpe. Em algum momento, os trabalhadores devem mostrar sua força, no seu terreno, através de um movimento de greve geral pelos direitos e pela democracia.

É inseparável a forma do conteúdo, a democracia da reivindicação ("não vai ter golpe, vai ter reforma agrária", disse um ministro).

Sim, a situação é de ebulição social e política, o resultado pode ser um salto à frente.

O tempo é pouco, não há um minuto a perder. A hora é de engajar a militância popular, todo lugar aos comitês contra o golpe.

Markus Sokol

### MISSÃO IMPOSSÍVEL

A imprensa especula com uma nova "carta aos brasileiros" onde Lula conciliaria com as exigências do mercado, como em 2002/03. Mas a situação não é igual na América Latina, o mercado não acredita e, o principal, dificilmente o povo aceitaria.

O problema da classe dominante é resumido por um economista ligado aos bancos: "como pode um governo votar coisas dramáticas, mexer em direitos, sem negociar numa campanha eleitoral? Não sei se a gente consegue fazer um ajuste fiscal a partir de um acordo das elites no Senado" (Samuel Pessoa, FGV). O que leva FHC a buscar o impossível "consenso entre forças e lideranças, inclusive até agora dominantes, afastadas as que tenham comprometimento pessoal com malfeitos".

Leia-se, a união nacional com o PSDB!

### PONTOS DO PROGRAMA DE EMERGÊNCIA DO PT

- Forte redução da taxa básica de juros
- Uso das reservas internacionais para um Fundo de Emprego destinado a obras de infraestrutura
- Ampliação do Programa Minha Casa, Minha Vida
- Retomada da reforma agrária
- Tributação sobre lucros e dividendos

# AÇÃO PETISTA

“AGIR COMO O PT AGIA!”



## JOGANDO TODA A FORÇA NOS COMITÊS CONTRA O GOLPE

O Encontro Nacional do Diálogo e Ação Petista, realizado em 19 e 20 de março, na sede nacional do PT em São Paulo, armou os militantes para intensificar a luta contra o golpe em curso. Os grupos de base do DAP se envolveram vigorosamente nas atividades convocadas pelas organizações de trabalhadores e da juventude para barrar o golpe judiciário.

Mais importante é que em vários locais a iniciativa dessas atividades coube aos aderentes do DAP: atos, panfletagens e criação de comitês contra o golpe. Essas iniciativas têm encontrado grande receptividade por parte dos militantes e dos trabalhadores.

O Manifesto do Encontro Nacional



O Encontro Nacional do Diálogo e Ação Petista: barrar o golpe

conclamava “seus aderentes e simpatizantes, todos e todas militantes petistas, os trabalhadores e jovens, para a ação imediata para barrar o golpe que já está em curso no Brasil contra a democracia,

a soberania popular e nacional, contra os direitos sociais e dos trabalhadores!”.

A crise se acelera. O golpista Eduardo Cunha antecipou os ritos do processo de impeachment. A classe dominante multi-

plica os ataques contra os trabalhadores, seus direitos e suas organizações.

Porém, em todas as regiões do país, os militantes petistas têm dado provas de que querem lutar. Os trabalhadores percebem cada vez mais claramente as reais motivações do golpe em curso. É papel do Diálogo e Ação Petista ir aos trabalhadores em suas entidades, incentivar essa vontade de luta e reforçar a convicção de que é possível e necessário derrotar o golpe, é possível e necessário garantir os direitos.

Reproduzimos alguns relatos enviados pelos nossos correspondentes.

Roberto Salomão

### EM JABOATÃO (PE), GREVISTAS FAZEM ATO CONTRA O GOLPE



Manifestação em Jaboatão contra o golpe: o DAP presente

Os professores de Jaboatão, que estão em greve contra a política de arrocho do prefeito Elias Gomes da Silva (PSDB), aprovaram em assembleia, por iniciativa do Diálogo e Ação Petista, a realização de um ato contra o golpe e em defesa dos direitos dos trabalhadores. No ato, que contou com a participação da CUT, a faixa do sindicato da categoria dizia: “Sinproja na luta pela Democracia e contra o Golpe”.

O DAP propõe que o Sinproja chame outras entidades para formar o Comitê de Jaboatão contra o Golpe e pela Democracia.

O prefeito tucano está promovendo um cerrado ataque contra os direitos dos trabalhadores: aumentou a alíquota da previdência dos servidores da prefeitura de Jaboatão em mais 3%, passando a descontar 14%, e só oferecendo um reajuste de 5%. Além disso, sinaliza que não vai cumprir o reajuste nacional do

Piso Nacional definido pelo MEC, que seria de 11,36%, a partir de 1 de janeiro.

No dia 1º de abril, a greve foi declarada ilegal. O desembargador do Tribunal de Justiça considerou a greve “abrupta e abusiva”. Obviamente, não considerou abusivos os ataques do prefeito contra os trabalhadores.

A direção do sindicato e o conjunto da categoria não se deixaram intimidar. Assembleias seguidas decidiram manter a greve, reforçar o comando e os piquetes nas escolas.

A prefeitura quer cobrar multa do sindicato, dos diretores e dos grevistas (?) por dia parado, e ainda ameaça de demissão os professores concursados em regime probatório.

É bem a situação que mostra qual é a política dos golpistas contra os trabalhadores. Mas estes já mostraram que não aceitam que se retirem seus direitos.

### EM CAMAÇARI (BA), NA PORTA DAS FÁBRICAS



Comitê contra o golpe na Universidade, em Ilhéus

O grupo de base do Diálogo e Ação Petista de Camaçari (BA) decidiu fazer um panfleto para discutir com os trabalhadores, em seus locais de trabalho, o golpe em curso, o que ele significa e a necessidade de derrotá-lo. Outro grupo de base, do Sintraconc (concessionárias de rodovias), logo após o Encontro Nacional do DAP já havia visitado quatro fábricas para discutir o Manifesto.

Os militantes do DAP estão participando da articulação para organizar a manifestação de 15 de abril, quando começa a votação na Câmara Federal do pedido de impeachment da presidente Dilma. Vários sindicatos cutistas e da CTB estão impulsionando o ato.

Estão sendo organizadas também panfletagem em várias categorias (borracheiros, químicos, metalúrgicos, alimentação e professores municipais) e os sindicatos cutistas discutem a formação de um comitê contra o golpe.

Em Ilhéus, no sul da Bahia, o DAP participou da criação do comitê contra o golpe na universidade.

### EM JOINVILLE (SC), REPÚDIO AO ATAQUE À SEDE DO PT



Sede do PT em Joinville é alvo de vandalismo

A sede do PT em Joinville (SC) foi atacada no dia 8 de abril, em mais um caso de violência contra as organizações dos trabalhadores. O grupo de base do Diálogo e Ação Petista da cidade, reunido na própria sede, tirou uma nota de repúdio ao atentado. A nota diz que os ataques não intimidarão o PT e conclui: “Não vai ter golpe! Vai ter reforma agrária! Vai ter emprego! Vai ter democracia e soberania!”

O grupo de base de juventude do DAP em Joinville, formado algumas semanas antes do Encontro Nacional, financiou a presença de cinco jovens no Encontro. Na volta, foi feita uma reunião para discutir o Manifesto do DAP e o Plano de Emergência do PT, e os presentes decidiram criar o grupo de base dos servidores públicos.

O DAP participou do ato local do dia 31 de março e enviou um representante a Brasília.

# As forças vivas da nação se ma

A chamado das organizações dos trabalhadores e jovens, de artistas e movimentos, mas também de

## No dia 31 de março manifestantes voltaram às ruas

As capitais e diversas cidades do país voltaram a ser ocupadas no dia 31 de março pelas mobilizações contra o golpe. As ruas foram, novamente, palco de grandes manifestações.

Em Brasília, a maior manifestação, com caravanas de vários estados, reuniu 150 mil manifestantes. Nos discursos os oradores combateram as manipulações do Judiciário e do Congresso e ressaltaram também a necessidade de mudança da atual política do governo que eles defendem, contra o golpe.

Outra coisa a destacar é que essas manifestações demonstraram que vai ficando cada vez mais claro o caráter fraudulento e manipulador da operação Lava Jato. Uma operação montada para atacar as organizações dos trabalhadores e a Petrobras, para servir aos interesses do imperialismo e que já deixou como rastro um exército de desempregados. Por isso seu condutor, o juiz Sérgio Moro, "líder potencializado" pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos (ver pag. 10), foi alvo dos protestos. Na manifestação no Rio de Janeiro, por exemplo, era justamente denunciado em uma faixa "Juiz Sérgio Moro parou a indústria

naval de Niterói! "

O dia 31 confirmou que com as vigorosas manifestações de 18 de março, quando mais de um milhão e trezentas mil pessoas disseram "não vai ter golpe!", a força capaz de deter a marcha golpista estava decidida a fazê-lo.

O vigor das manifestações mostra uma luta que se organiza e se estende por baixo.

Num ritmo de manifestações diárias, com atos, debates, panfletagens, e reuniões, o movimento contra o golpe avança, com várias ações inclusive espontâneas, e com uma forte participação da juventude (ver pag. 2).

Nas cidades, bairros, categorias, escolas e universidades, vão surgindo os comitês contra o golpe. A Apeoesp (sindicato dos professores do ensino médio em São Paulo), por exemplo, decidiu transformar todas as suas 93 sub-sedes no estado em comitês contra o golpe.

Nas Universidades, como a UnB, Federal da Bahia, Federal de São Paulo, USP e várias outras, alunos, professores e funcionários se unem e organizam a luta. E não adianta o Ministério Público Federal (MPF) tentar deter este movimento como aconteceu com o



Brasília, 150 mil em 31 de março

MPF de Goiânia (ver box).

Com suas organizações, trabalhadores da cidade e do campo, jovens, artistas, intelectuais, juristas, jornalistas, e diversas outras categorias, as forças vivas da nação, que produzem

a riqueza, a cultura, que têm compromisso com os interesses da maioria do povo, decidiram e estão em pé contra o golpe.

Misa Boito

### UNIVERSIDADE REPUDIA INGERÊNCIA DO MPF-GO

Dois procuradores do Ministério Público Federal (MPF) de Goiás assinam "recomendação" dirigida a 39 órgãos e autarquias federais do Estado para que não realizem nem permitam atos a favor ou contra o impeachment de Dilma Rousseff. Um dos destinatários foi a Universidade Federal de Goiás (UFG), que rejeitou a ingerência.

Reunido no dia 8 de abril, o Conselho Universitário da UFG divulgou nota na qual "repudia a recomendação do MPF/GO". O texto afirma que "tal recomendação fere a autonomia e a liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber como bens necessários para que se desenvolva o conhecimento científico (...)".

Um dos procuradores ficou conhecido, em 2014, por intimar o governo brasileiro a agir diante da informação de que a Venezuela convocara 26 jovens do Brasil para compor uma brigada. A "denúncia" virou piada quando se soube que "Brasil" era o nome de uma vila venezuelana. O outro procurador tentou proibir a realização de campanha publicitária sobre os Jogos Olímpicos, por seu "tom ufanista, patriótico, nacionalista".

Mas não nos iludamos. Por trás do ridículo de ações destemperadas, pode-se enxergar a ação organizada e instruída dos que trabalham conscientemente contra os interesses da maioria do povo.



Rio de Janeiro, faixa no ato do dia 31 de março

## Dia 2 de abril, 50 mil em Fortaleza

Mesmo sob uma forte chuva, a Praça do Ferreira na capital cearense foi tomada por 50 mil manifestantes, segundo os organizadores, num ato "por mais democracia" com a presença de Lula.

Em seu discurso, Lula ressaltou as políticas sociais dos governos petistas, e falou sobre o ódio contra o PT. "Vocês viram que no Rio Grande do Sul, uma médica não quis atender uma criança porque a mãe era petista? Nós estamos chegando a esse ponto e esse ponto é o ódio disseminado por eles". Em seguida, lembrando as conquistas dos trabalhadores nos



"Vamos avisar o Cunha e o Temer: não vai ter golpe", disse Lula em Fortaleza

governos do PT, explicou que o ódio que os golpistas disseminam é porque foi conquistado o aumen-

to real do salário mínimo e o piso nacional dos professores.

Lula tem razão. Mesmo se o go-

verno Dilma pisou na bola com a política do ajuste fiscal, e mesmo se os governos do PT frustraram expectativas, como por exemplo livrar o país do garrote do superávit fiscal primário, o fato é que os que querem o impeachment de Dilma não aceitam que as conquistas sejam mantidas ou que os recursos sejam utilizados em benefício do povo. Por isso, a "acusação" para o impeachment é que ela utilizou dinheiro de bancos públicos, inclusive depois devolvido, para cumprir, em dia, o pagamento de programas sociais. Os golpistas pretendem drenar todos os recursos para o bolso dos especuladores.

# Manifestam contra os golpistas

de forma espontânea, manifestações contra o golpe ganham o país de norte a sul, de leste a oeste

## Nos bairros, nas fábricas, nas praças: “Não vai ter golpe!”

A luta contra o golpe, que começa ao chegar nos bairros e nas fábricas, não termina no dia 18, após a votação do pedido de impeachment, na Câmara Federal no dia 17, seja qual for o resultado.

A mobilização que vem sendo construída através das organizações dos trabalhadores e jovens e dos Comitês contra o golpe que vão se formando vai prosseguir. A proposta da CUT, por exemplo, de propor para o dia 15 de abril “paralisações e assembleias em local de trabalho”, tem tudo a ver, inclusive para depois do dia 17. É preciso chegar às fábricas, afinal golpe de patrão se combate organizando o peão.

Ressabiados com a difícil situação imposta pela política do ajuste, os trabalhadores saberão separar o joio do trigo se informados dos objetivos dos golpistas e, inclusive, engrossarão a luta por uma política que corresponda ao mandato dado em 2014.

“Na atividade de panfletagem na porta da fábrica, conversando com os trabalhadores, deu para sentir. Os trabalhadores querem melhorias, mais saúde, mais educação, mais direito, e não golpe!”, relatou um trabalhador químico da região de Osasco (SP), após atividade numa empresa da região.

Na mesma direção, uma companheira relata as decisões da reunião que criou o Comitê contra o Golpe, na Zona Leste da capital paulista.

Com cerca de 70 companheiros, com destaque para a presença de trabalhadores químicos, professores e movimento de moradia, reuniu-se na sub-sede do Sindicato dos Químicos em São Miguel, o Comitê Leste contra o Golpe. A reunião foi impulsionada pelos Químicos, por dirigentes do PT, pelo Diálogo e Ação Petista, e contou com a presença do PCdoB, além de movimentos de saúde na região.

Com uma significativa presença de sindicalistas, a discussão destacou, desde a abertura, a relação do golpe com os direitos. Pipoka, presidente do Sindicato dos Químicos, e vice-presidente do PT da capital, afirmou na abertura: “Os que querem o golpe são os mesmos que vão desregular a CLT. Eles já avisaram o que querem fazer. Cabe a nós barrar, pois os interesses deles são opostos aos nossos. Quando falta democracia, sindicato é invadido, trabalhador não pode se expressar, é preso se faz greve. Nós já vimos isso acontecer, aqui na Nitroquímica, quando assassinaram Virgílio Gomes da Silva durante a ditadura militar. Por isso, para gente se defender, temos de nos unir contra o

golpe. Fomos nós da CUT que nunca deixamos a questão dos direitos sair da pauta, que estamos na ponta para nos defender, pois sabemos que se tem golpe contra Dilma, eles vão vir atrás dos sindicatos, da CUT. Por isso

temos de sair daqui com um Comitê forte e unido e atividades”.

A reunião terminou organizando várias atividades, entre elas panfletagens nas portas de escolas e de fábricas da região.



No dia 4 de abril, uma segunda-feira à noite, cerca de 5 mil metalúrgicos participaram do ato com Lula, em frente à sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Convidada a fazer uso da palavra, Misa Boito, da Corrente O Trabalho, destacou que o golpe visa atingir o governo e as organizações dos trabalhadores, mas que a resistência está mostrando que “não vai ter golpe, vai ter emprego, salários e direitos.”



Apesar da campanha de ódio e da perseguição ao partido pelo Judiciário, o PT vem ganhando novos filiados. Em Goiânia (GO) e Camaçari (BA), no dia 2 de abril foram realizados atos de novas filiações. 400 em Goiânia e mais de 200 em Camaçari.

## Dia 11, 50 mil no Rio de Janeiro

No último dia 11, um ato com a presença de Lula, artistas, intelectuais, jornalistas e personalidades democráticas reuniu mais de 50 mil manifestantes nos Arcos da Lapa, na capital carioca. Um dos organizadores da atividade foi Chico Buarque de Holanda.

Em sua fala o humorista Gregório Duvivier destacou: “É uma coisa absurda deixar na mão deste Congresso o futuro do País. Independentemente do resultado da votação, dá nojo e asco ver esse Congresso decidindo algo”. Tem razão. Dos 38 deputados que aprovaram no mesmo dia 11, na Comissão, o relatório a favor do impeachment, 35 são indiciados por corrupção. Duvivier comparou: “O impeachment capitaneado por Eduardo Cunha é como um pênalti marcado pelo Eurico Miranda a favor do Vasco”.

A atividade foi convocada por um manifesto que afirma: “O que vivemos hoje no Brasil é uma clara ameaça ao que foi conquistado a duras penas: a democracia. Uma democracia ainda



incompleta, é verdade, mas que soube, nos últimos anos, avançar de maneira decidida na luta contra as desigualdades e injustiças, na conquista de mais espaço de liberdade, na eterna tentativa de transformar este nosso país na casa de todos e não na dos poucos privilegiados de sempre (...) acima de tudo, defendemos e defenderemos a democracia reconquistada. Uma democracia, vale reiterar, que precisa avançar, e muito. Que não seja apenas o direito de votar, mas de participar, abranger, enfim, uma democracia completa, sem fim. Em que cada um possa reivindicar o direito à terra, ao meio-ambiente, à

vida. À dignidade. Ela custou muita luta, sacrifício e vidas. Custou esperanças e desesperanças. Que isso que tentam agora os ressentidos da derrota e os aventureiros do desastre não custe o futuro dos nossos filhos e netos.

Estamos reunidos para defender o presente. Para espantar o passado. Para merecer o futuro. Para construir esse futuro. Para merecer o tempo que nos foi dado para viver”. Encabeçado por Leonardo Boff, Chico Buarque de Holanda, Wagner Moura, Fernando Moraes e Eric Nepomuceno, o manifesto é assinado por 300 artistas e intelectuais.

# Dilma assina decretos para sem-terra e quilombolas

Trabalhadores prometem luta contra o golpe e ocupações de latifúndios

No dia 1º de abril, em ato no Palácio do Planalto, a presidente Dilma assinou 21 decretos de desapropriação de imóveis rurais que vão assegurar 35,5 mil hectares de terras para a Reforma Agrária em 14 estados. Ela assinou também quatro decretos que regularizarão territórios quilombolas, atendendo a 799 famílias no Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte e Sergipe, somando 21 mil hectares.

Em seu discurso durante a ceri-

mônia, Dilma retomou a frase dita no mesmo evento pelo Ministro do Desenvolvimento Agrário, Patrus Ananias (PT-MG): “Não vai ter golpe, vai ter reforma agrária”.

Presentes no ato representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), que consideraram que “ainda é pouco mas é por aí”.

O dirigente da CONTAG, Aristides



Dilma recebe trabalhadores do campo em ato de assinatura de decretos

## DOIS SEM-TERRA SÃO ASSASSINADOS NO PARANÁ



No dia 7 de abril, um dia após o assassinato do presidente do PT do município de Mogeiro (PB), Ivanildo Francisco da Silva, assentado da reforma agrária, dois trabalhadores sem-terra, Vilmar Bordim e Leonir Orback, foram assassinados e muitos ficaram feridos numa emboscada armada pela Polícia Militar do Paraná e por seguranças da empresa Araupel no acampamento Dom Tomás Balduino, município de Quedas do Iguaçu (PR).

Não houve confronto, ao contrário do que dizem o governo tucano de Beto Richa e os meios de comunicação. O que houve foi um ataque covarde por parte de um governo a serviço de uma empresa que não tem a posse da terra. Os sem-terra estão assentados há mais de 20 anos na área, que é considerada como propriedade da União.

Em nota, a Direção Regional do MST declarou que “a única forma possível de resolver o conflito é punir os mandantes dos assassinatos e os assassinos, e o governo federal fazer a reforma agrária nesse latifúndio.” O Ministro da Justiça, Eugênio Aragão, determinou que a Polícia Federal investigue as mortes.

No sábado dia 9, uma manifestação no município reuniu mais de 8 mil pessoas, onde também houve críticas veementes à decisão do TCU de suspender os processos da reforma agrária.

Santos, afirmou que “vai ter reforma agrária, vai ter luta e não vai ter golpe” e prometeu ocupar as fazendas e latifúndios, caso o impeachment vá adiante, “vamos ocupar os gabinetes deles e as fazendas deles contra o golpe”, disse Aristides. “Vamos ocupar as propriedades da bancada da bala. Se eles incomodam ministro do Supremo Tribunal Federal, também vamos incomodar e ocupar fazendas”, completou.

O coordenador nacional do MST, Alexandre Conceição, cobrou a liberação de mais recursos para Instituto Nacional de

Colonização e Reforma Agrária (Incra) e para o Ministério do Desenvolvimento Agrário. Alexandre também qualificou como golpista o juiz Sérgio Moro, comandante da Lava Jato. “Nós não cometemos crimes, quem comete é o latifúndio e o Moro, que faz com a sua caneta maldades contra o povo”. Disse também, “este Palácio não pertence a 1% da população que é rica. Pertence ao povo brasileiro e nós vamos ocupar as ruas em defesa do seu mandato”.

Nilton de Martins

## TCU PARALISA REFORMA AGRÁRIA

Um dia antes do assassinato dos sem-terra no Paraná, o TCU (Tribunal de Contas da União), a serviço dos latifundiários, determinou a paralisação imediata do programa de reforma agrária em todo o país alegando mais de 578 mil beneficiários irregulares.

A determinação atinge todos os processos de assentamentos de famílias, atuais ou futuros, além de desapropriações e concessão de crédito em andamento.

Os parlamentares que integram o Núcleo Agrário da Bancada do PT, que manifestaram veemente condenação à PM do Paraná pelo assassinato dos sem-terra, condenaram o TCU. Em nota declaram que isso “implicará na impossibilidade de ação do governo federal para garantir o acesso à terra para as famílias do acampamento Dom Tomás Balduino.”

## Jornalistas entregam Manifesto a Dilma

Documento já tem mais de 2000 adesões

Uma delegação de jornalistas entregou a presidente Dilma Rousseff, em 31 de março, em cerimônia no Palácio do Planalto, o “Manifesto dos Jornalistas em Defesa da Democracia e dos Direitos Sociais”. Entre os signatários do texto, estiveram presentes Paulo Zocchi, presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, Audálio Dantas, ex-presidente do Sindicato na época da ditadura militar, Rose Nogueira, diretora do Sindicato e integrante do grupo Tortura Nunca Mais, e Fernando Moraes, jornalista e escritor.

A entrega ocorreu num ato contra o golpe integrado por artistas, intelectuais, jornalistas e professores, que contou com a participação do escritor Raduan Nassar, da atriz Letícia Sabatella, da can-

tora Beth Carvalho e da cineasta Anna Muylaert. Houve outros atos com o mesmo caráter promovidos por juristas e advogados, movimentos sociais e por movimentos de mulheres.

O Manifesto dos Jornalistas havia sido lançado uma semana antes da cerimônia, e coletou, até o fechamento desta edição, mais de 2.000 assinaturas. Em seu início, o texto retoma a tradição democrática do Sindicato dos Jornalistas de SP, que cumpriu importante papel na luta contra a ditadura militar, e se posiciona contra o impeachment, bem como crítica a Operação Lava Jato.

Em seguida, o Manifesto liga a defesa da democracia com a dos direitos sociais e trabalhistas em nosso país: “Defendemos os direitos sociais – o patrimônio público,

as reservas de petróleo do pré-sal, as empresas estatais, os direitos trabalhistas, os avanços contra o racismo e o machismo, a redução da miséria e da desigualdade – ameaçados pelos adversários da democracia.” Assim, em sua discussão com os jornalistas, a diretoria do Sindicato explica que os que hoje miram no mandato presidencial vão amanhã querer privatizar a Petrobras, generalizar a terceirização, acabar com a indenização em caso de demissão, bem como destruir todos os direitos trabalhistas previstos em lei. Barrar isso é o conteúdo de classe da luta contra o golpe.

Por fim, o Manifesto também denuncia “o papel nefasto que as grandes empresas de comunicação têm desempenhado na presente crise”, expondo que, uma di-

menção disso, como empresas privadas, é a exploração e também a censura de seus empregados, jornalistas profissionais assalariados.

Uma semana após a cerimônia no Planalto, o auditório do Sindicato ficou lotado, com a presença de cerca de 200 jornalistas, no ato de lançamento do Manifesto. Ele contou a presença do presidente da CUT-SP, Douglas Izzo, e tomaram a palavra, além de Audálio e Zocchi, os jornalistas Paulo Moreira Leite, Maria Inês Nassif, Altamiro Borges, Breno Altman, Amadeu Mémolo, Laurindo Lalo Leal Filho e Vilma Amaro, entre outros. No ato, decidiu-se fundar o Comitê dos Jornalistas contra o Golpe, e foram arrecadados R\$ 1.200,00 para custear a campanha.

# “Come com uma mão, trabalha com a outra”

Por trás do golpe, a ofensiva dos capitalistas para liquidar direitos e conquistas

Os empresários, latifundiários, executivos das multinacionais e banqueiros se uniram no apoio ao golpe para derrubar Dilma.

Eles sentiram a oportunidade de avançar na flexibilização de direitos trabalhistas, acabar de vez com qualquer perspectiva de reforma agrária e privatizar – em benefício do capital estrangeiro – o que resta de público e estatal no Brasil, em particular o Pré-sal.

Numa entrevista dada às vésperas do 2º turno presidencial de 2014 à Folha/UOL, Benjamin Steinbruch, o dono da privatizada CSN e presidente da FIESP à época (hoje vice do Skaf), foi direto ao ponto (vídeo da mesma circula nas redes sociais).

Respondendo como seria possível reduzir o que deve ser pago aos trabalhadores sem reduzir direitos, Steinbruch

disse: “Você vai nos Estados Unidos, vê o cara almoçando, comendo sanduíche com a esquerda, e operando a máquina com a direita. Tem 15 minutos para o almoço, entendeu? (...) Por que a lei obriga que tenha que ter esse tempo (uma hora de almoço)?”.

O jornalista então perguntou se direitos como terço de férias, FGTS, INSS, “devem ser mantidos em lei?”. O empresário respondeu que “todos podem ser negociados”, defendendo uma reforma das leis trabalhistas que as tornem “leves” no Brasil!

As tomadas de posição pelo impeachment de Dilma por parte de entidades empresariais – FIESP, FIRJAN, CNI e dezenas de outras – tem o mesmo conteúdo dessa entrevista.

Depois da saída de Levy em dezembro - fruto da pressão da CUT e outras

## VAZA TEMER GOLPISTA

O áudio de 11 de abril em que Michel Temer faz seu discurso de posse, seis dias antes da votação na Câmara do pedido impeachment contra Dilma, confirmou o que já se sabia: o vice-presidente é parte do golpe em curso.

O próprio Temer vazou o áudio para atrair deputados indecisos para seu “governo de salvação nacional” com o PMDB, PSDB e quem mais se apresentar. Tendo como programa a “Ponte para o futuro” e seu arsenal de ataques a direitos sociais e trabalhistas, privatizações, terceirização e entrega do Pré-sal, Temer adianta que “haverá sacrifícios”.

Dilma reagiu, num discurso no Planalto a educadores e estudantes: “Ontem, ficou claro que existem, sim, dois chefes do golpe que agem em conjunto e de forma premeditada”, referência a Temer e Cunha, reafirmando que existe um golpe de Estado em curso.

organizações que exigiam o “fim do ajuste fiscal” ao mesmo tempo que eram contra o golpe - a classe capitalista se deu conta que seria difícil o governo Dilma atacar “todos os direitos”, numa situação em que o próprio PT era empurrado a exigir mudanças na política econômica.

## Interesses de classe explícitos

Mesmo no “agronegócio”, setor que continua obtendo altos lucros, os latifundiários e ruralistas abandonaram a sua representante no governo, a ministra Katia Abreu, e em 6 de abril a Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária (CNA) tomou posição pelo impeachment.

O presidente da CNA, João Martins, para justificar tal posição, atacou dirigentes da CONTAG (trabalhadores rurais) e MST por terem defendido ocupação de terras na cerimônia com Dilma no Planalto em que se anunciou a desapropriação de terras para a reforma agrária. Sobrou crítica também para o ministro da Justiça, Eugênio Aragão, que “em vez de recriminar, defendeu os movimentos como

legítimos porque apoiam o governo” (OESP, 06/04).

A pauta da bancada ruralista inclui a revisão do conceito de trabalho escravo e a retirada da demarcação das terras indígenas e quilombolas das mãos do Executivo para passá-la ao corrupto Congresso nacional. É o que se pretende acelerar com o afastamento de Dilma e um eventual governo Temer.

Os interesses de classe que impulsionam o golpe estão escancarados. Que o alvo - para além de Dilma, Lula e o PT - são os direitos e conquistas dos trabalhadores da cidade e do campo, suas organizações de luta e a soberania nacional, se tornou evidente.

Mas ainda há aqueles que se fazem de cegos e surdos e defendem o “Nem um, nem outro” ou o “Fora todos”, o que os leva, pensem o que pensarem, para o lado dos golpistas!

Julio Turra

## NOVA CONDENAÇÃO DE DIRCEU E VACCARI

Em 7 de abril o Ministério Público Federal (MPF) pediu ao juiz Sérgio Moro a condenação de José Dirceu e João Vaccari por “corrupção passiva, lavagem de dinheiro e organização criminosa”.

Seria uma segunda condenação para os dois petistas: no caso de Zé Dirceu, depois da condenação na AP 470, pela qual ainda cumpria pena quando foi preso de novo e levado a Curitiba; no caso do Vaccari, depois da condenação na 10ª fase da Lava Jato, pela qual cumpre pena de 15 anos.

O que há de igual é a falta de provas concretas e a restrição ao direito de defesa, pois as condenações baseiam-se em delações premiadas. A falta de reação política do partido ao “mensalão” hoje cobra seu preço. Dirceu e Vaccari são presos políticos e como tal devem ser libertados!

Lauro Fagundes

Cartazes da Conlutas/PSTU colados no mural da entrada do prédio da FIESP na Avenida Paulista em São Paulo. Em 1º de abril, na mesma Paulista, o “Espaço de Unidade e Ação” (dirigido pelo PSTU) havia reunido cerca de 2 mil manifestantes pelo “Fora todos eles”. Quem quer que tenha colado esses cartazes no mural dos coxinhas, não foi hostilizado, ao contrário, foi muito bem vindo e ficou por lá mais algum tempo.



# “Primeiro prendemos, depois averiguamos”

Operação Lava Jato é o instrumento do golpe em curso

Em 1º de abril, menos de 24 horas depois das manifestações contra o golpe de 31 de março, foi deflagrada a 27ª fase da interminável Lava Jato. Intitulada de “Carbono 14” (material utilizado para pesquisas arqueológicas), ela foi desenterrar o cadáver de Celso Daniel, assassinado em 2002 quando era prefeito petista de Santo André.

Duas prisões preventivas foram feitas: a de Silvinho, ex-secretário geral do PT, liberado dias depois, e a de Ronan Pinto, dono do Diário do Grande ABC, que continua detido. Mais duas “condições coercitivas”, tal como a de Lula,

isto é, sem que houvesse negativa das pessoas a depor, a de Delúbio Soares e a do jornalista Breno Altman.

O que o juiz Moro e seus agentes querem é estabelecer uma relação entre a morte de Celso Daniel, crime comum segundo a Polícia Civil paulista, com o “mensalão” e deste com o “petrolão” para reforçar a tese de que o PT é uma organização criminosa.

Provas? Ora, para quê, se existem as delações premiadas e os vazamentos seletivos de depoimentos para a mídia e seus efeitos na opinião pública?

O professor Laymert Garcia dos Santos da Unicamp, em artigo “O in-

tolerável”, diz que há uma “estratégia para desestabilizar o Brasil”. “Moro e os procuradores de Curitiba são os soldados da desestabilização. Janot e os procuradores de Brasília são o Alto Comando (...). Treinados em seminários e colóquios pelos especialistas em ‘cooperação’, aprenderam as novas tecnologias jurídicas, políticas e policiais do ‘contra-terrorismo’, importaram e implementaram a estratégia do caos. “Ele finaliza perguntando: “vamos continuar tolerando o intolerável?”

# Interesses imperialistas por trás do golpe

## O impeachment e os objetivos das multinacionais no mercado brasileiro

É possível que boa parte dos bastidores das articulações golpistas só venham à tona daqui a anos. No golpe de 1964, ainda que numa situação diferente da atual (leia o box), o envolvimento do governo estadunidense e sua agência de inteligência, a CIA, era evidente, mas a comprovação – com documentos – só surgiu depois.

O que não se pode esconder são os interesses econômicos e políticos do imperialismo no Brasil e na América Latina. No ano passado, telegramas confidenciais revelados por Wikileaks já tinham indicado que o Departamento de Estado dos EUA acompanhava a movimentação da Odebrecht. Nada a ver com qualquer preocupação com propinas, mas sim com a perda de fatias do mercado brasileiro, diante do crescimento de negócios da empreiteira verificado no governo Lula.

Com esse objetivo, as embaixadas dos EUA em Angola, no Equador e no Panamá monitoraram viagens de Lula, em 2007 e 2008, e a diplomacia estadunidense apontou suspeitas de corrupção em obras da empresa em diversos países.

As revelações de Edward Snowden, em 2013, mostraram que a Agência de Segurança Nacional (NSA, na sigla em inglês) dos EUA monitorava a presidente Dilma Rousseff e a Petrobras. Não é preciso ir muito longe para ver que a intenção última é retirar da estatal brasileira o importante mercado de exploração petrolífera.

E as multinacionais estadunidenses de petróleo têm fiéis colaboradores no Brasil, como o senador José Serra (PSDB), autor do projeto de fim do regime de partilha do Pré-sal. Serra, um dos paladinos do impeachment, já havia declarado em 2009, a uma representante da multinacional estadunidense Chevron, que, se ganhasse a eleição presidencial de 2010, reverteria a regra da partilha.

### Investigação nos EUA

Na Lava Jato, o envolvimento dos procuradores do Ministério Público Federal (MPF) com autoridades dos EUA mostra que há uma articulação entre eles. Segundo o jornal “Valor” (4/4), o Departamento de Justiça estadunidense (DoJ, na sigla em inglês) investiga a utilização do sistema financeiro dos EUA para o pagamento de propina no Brasil. A reportagem afirma que a investigação tem o apoio da força-tarefa do MPF que atua no Paraná e que ao menos dois delatores da Lava Jato viajaram



Moro, o “líder potencializado” pelo Departamento de Estado dos EUA

entre janeiro e fevereiro aos EUA para responder ao DoJ. O objetivo, segundo jornal, “é traçar eventuais conexões americanas com os desvios da Petrobras”.

A revista “Época” (1/4) revelou mais sobre essa colaboração. Segundo a publicação, o DoJ entregou à força-tarefa da Lava Jato dados da caixa de e-mails de Alexandrino Alencar, ex-diretor da Odebrecht. Detalhe: os dados haviam sido apagados e foram recuperados graças a uma investigação do órgão estadunidense.

Se os interesses imperialistas estão razoavelmente claros, como são arregimentados os seus agentes brasileiros? O Judiciário do Brasil, que se manteve intocado mesmo durante a ditadura, validando os atos dos generais, é um campo fértil para essa cooptação, bem como o MPF.

O jornal “The Washington Post” (9/3), numa matéria sobre Sérgio Moro, registra que o juiz, em 2007, “participou de um curso de três semanas para os potenciais líderes patrocinados pelo Departamento de Estado dos EUA”. Potenciais líderes – segundo o governo dos EUA!

Outro telegrama do Wikileaks informa a respeito de um seminário de seis dias, organizado pelo consulado dos EUA no Rio de Janeiro, em 2009, sobre “crimes financeiros ilícitos”. Participaram juízes, procuradores federais e agentes da Polícia Federal, entre outros. Um dos palestrantes foi Moro.

O relato oficial informa: “A conferência demonstrou claramente que o setor judiciário do Brasil está muito interessado em se engajar mais proativamente na luta contra o ter-

rorismo, mas carece de ferramentas e treinamento para engajar-se com eficácia. Atualmente, a abordagem mais efetiva para encarcerar suspeito de terrorismo é acusar o suspeito pela prática de algum outro crime que lhe será atribuído, como tráfico de drogas ou lavagem de dinheiro”. Prender sob a acusação de um crime, para chegar a outro. Essa é a lição dada pelos EUA aos juízes e policiais brasileiros.

### Desestabilização planejada

Depois de estabelecer laços diretos com o governo dos EUA, não é surpreendente que o MPF se comporte como se não devesse satisfações a

ninguém no Brasil. O procurador da República Carlos Fernando dos Santos Lima, integrante da força-tarefa da Lava Jato, em palestra na Câmara Americana de Comércio Brasil-Estados Unidos (Amcham), em São Paulo, afirmou: “Em um país com instituições sólidas, a troca de governo não significa absolutamente nada. Quero crer que nenhum governo no Brasil signifique alterações de rumo no Ministério Público, no Judiciário, na Polícia Federal”. Ou seja, ninguém deve mexer com eles.

Tem razão Laymert Garcia dos Santos, professor da Unicamp, que, num texto divulgado no começo de abril, indaga a quem interessa a “desestabilização planejada e rigorosamente executada”. Laymert diz: “A desestabilização visa a inviabilização do Brasil como país. Mais ainda: a estratégia nem parece ter sido elaborada aqui, na medida em que repete e retoma métodos, procedimentos e tecnologias jurídicas, policiais e políticas do terrorismo de Estado norte-americano, em sua guerra contra os países ‘inimigos’, principalmente aqueles que detêm soberania em termos de energia e que, por isso mesmo, precisam ser ‘neutralizados’. A estratégia busca criminalizar o governo Dilma, Lula, o PT e todos aqueles que resistem à implementação da agenda neoliberal e neocolonial, equiparando-os a ‘terroristas’, que precisam ser eliminados da cena política”.

Cláudio Soares

### 1964: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Diante da atual ofensiva golpista, são feitas muitas comparações com 1964, com a ressalva de que naquele momento o golpe foi desferido a partir do aparelho militar, enquanto hoje procura fantasiar-se com uma roupagem “institucional”.

Entretanto, a situação nacional e internacional é inteiramente outra. Hoje, um amplo movimento se espalhou pelo país, a partir da palavra de ordem “Não vai ter golpe!”. A CUT é uma central sindical que organiza os trabalhadores nacionalmente e está firme nessa mobilização. Diversas outras entidades e partidos, entre os quais o PT, jogaram-se no combate para barrar o impeachment.

Em 1964, praticamente não houve resistência organizada, porque a política do principal partido da classe trabalhadora de então, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), era um obstáculo para isso. Como organização stalinista, o PCB recusava-se a abrir uma perspectiva de organização para as amplas massas. No terreno sindical, aliava-se aos pelegos e controlava organismos intersindicais de cúpula, como o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT).

Um panfleto da UNE, de 1964, denunciava o golpe em curso e afirmava que era necessário “organizar o contragolpe”. Mas como? Segundo o panfleto, isso significava “unirem-se os operários em seus sindicatos, esperando palavra de ordem do CGT” e “aguardarem os estudantes a palavra de ordem da UNE”. Os operários esperaram, os estudantes aguardaram, mas nada foi organizado – nem greve geral, nem medidas amplas de reação. Dessa vez, está sendo e será diferente.

# França: um milhão nas ruas pela retirada da contra-reforma trabalhista

Isolado, o governo Hollande insiste em manter os ataques

Foi histórica a jornada de greves e manifestações de 31 de março na França, exigindo a retirada do projeto de lei de Myriam El Khomri, Ministra do Trabalho do governo Hollande (do Partido Socialista).

Mesmo com o estado de emergência em vigor, o governo foi incapaz de impedir que mais de um milhão de trabalhadores e jovens tomassem as ruas de 260 cidades do país, atendendo à convocação das organizações sindicais CGT, FO, FSU, Solidários e das entidades da juventude UNEF, UNL, FIDL. Mas a polícia praticou uma repressão seletiva, visando sobretudo as dezenas de milhares de jovens, atacados por bombas, canhões de água e cassetetes.

A CFDT (central sindical defensora da colaboração de classes) permaneceu numa linha de "emendar o projeto" e, ainda assim, com diversos setores operários de sua base rompendo com essa orientação e participando da greve.

O projeto El Khomri é um ataque sem precedentes aos direitos dos trabalhadores franceses, considerados "excessivos" pelos patrões e pela União Europeia (ver JOT 782).

Nem mesmo o governo de direita (Sarkozy) ousou ir tão longe quanto tenta ir o "socialista" Hollande. Isolado, provocando crises que



ameaçam desagregar seu próprio partido, a única sustentação política de Hollande vem da CFDT e da União Europeia.

Para além da rejeição ao projeto El Khomri, a amplitude da mobilização expressou também a ira popular contra o governo dando ao movimento um caráter eminentemente político e que se acentua porque Hollande não dá mostras de ceder.

Nessas condições, uma reflexão se desenvolve no interior do movimento operário, partindo da experiência de 2010, quando a forma de luta contra uma reforma da previdência foi uma sucessão de jornadas de ação (um dia de greves e mobilizações, como a de 31 de março) que, mesmo poderosas, não conseguiram alcançar a vitória.

Na época, havia a desvantagem de as principais centrais sindicais pedirem "uma outra reforma da previdência". Hoje a situação é melhor pois, exceto a CFDT (que prossegue num "eixo de colaboração"), todas as centrais e as organizações de juventude estão unidas pela retirada do projeto (num eixo de resistência). Mas o método das jornadas de ação começa a ser questionado. Amadurece a ideia de que é melhor entrar em greve e mantê-la por vários dias até fazer o governo recuar.

Enquanto o governo se prepara para discutir o projeto no parlamento dia 3 de maio, um comunicado das organizações que convocam as manifestações já reafirmou a continuação da luta: "Se o governo não nos atender, permaneceremos

determinados a prosseguir e ampliar a mobilização até obter a retirada do projeto El Khomri e conquistar novos direitos sociais, inclusive apelando a novas manifestações e à greve inter-categorias".

## CONFERÊNCIA EM DEFESA DAS CONQUISTAS DE 1936 E 1945

Na mira das contrarreformas de Hollande, estão as conquistas históricas arrancadas pelos trabalhadores franceses em 1936 e 1945, que formam uma extensa rede de proteção social na cidade e no campo. Um exemplo é o sistema de seguridade social com atendimento médico universal e aposentadoria integral.

Por iniciativa do POI-Partido Operário Independente será realizada em Paris, dia 4 de junho, uma Conferência em defesa dessas conquistas, reagrupando militantes de diferentes organizações sindicais e partidos políticos, uma força que contribui para construir o "eixo da resistência" aos ataques.

A Conferência busca contribuir para que os próprios trabalhadores, por meio da livre discussão, encontrem os meios para ajudar a construir o movimento que barre os ataques do governo e, ao mesmo tempo, abra a saída política (novo governo) exigida pela situação.

# Há 14 anos, golpe era derrotado na Venezuela

Hoje, Assembleia controlada pela oposição pretende "golpe institucional"

Em 11 de abril completaram-se 14 anos da tentativa frustrada de golpe de Estado contra o governo de Hugo Chávez. Foi um golpe organizado pela direita, pelos donos da mídia privada, entidades empresariais, alguns chefes militares, pelegos da CIV e partidos lacaios do Departamento de Estado dos EUA, derrotado pela mobilização popular.

Nesse dia morreram em Caracas pessoas que se manifestavam contra o golpe, atingidas por disparos da Polícia Metropolitana e de franco-atiradores postados nos arredores do Palácio de Miraflores (sede do governo, que chegou a ser ocupado pelos golpistas, NdT).

Os golpistas de ontem buscam agora promover a impunidade, com a aprovação pela maioria opositora na Assembleia Nacional de uma Lei de Anistia, que chamamos de "Lei de Amnésia Criminal", para libertar

responsáveis por fatos violentos. Dentre eles, Leopoldo López, do partido "Vontade Popular", condenado a 14 anos de prisão por organizar as "guarimbas" (bloqueios violentos) de 2014 que tiveram como saldo 43 mortos (no fechamento desta edição, o Tribunal Supremo havia rejeitado tal Lei de Anistia, NdT).

## Nova modalidade de golpes

Uma nova modalidade de golpes institucionais se desenvolve na região para acabar com governos de origem popular. Ela funcionou no Paraguai, com a derrubada do presidente Lugo por uma maioria parlamentar de direita. O mesmo se pretende fazer no Brasil agora com Dilma Rousseff, através de ataques judiciais e a ação da direita no parlamento.

O que vemos na Venezuela é uma variante dessa modalidade. A oposição pró-imperialista na Assembleia quer

reformular a Lei Orgânica do Tribunal Supremo de Justiça para abrir terreno para uma emenda constitucional que recorte o mandato de Nicolás Maduro.

Henry Ramos Allup, presidente da Assembleia Nacional, em recente ato público disse haver grupos nas Forças Armadas que querem derrubar o governo. Os argumentos de Ramos Allup de 2002, que antecederam o intento golpista contra Chávez, são os mesmos de 2016.

## Referendo Revogatório

Previsto na Constituição Bolivariana, o referendo revogatório poderia ser pedido pela oposição a partir de 19 de abril deste ano. Seria necessário obter cerca de 4 milhões de assinaturas (20% do eleitorado inscrito) validadas pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE), cumpridos os prazos legais, poderia haver um referendo sobre a continuidade ou não de Maduro na presidência

entre agosto e setembro próximos.

Se Maduro ganhar ou menos de 25% dos eleitores inscritos comparecerem à consulta, o presidente completaria seu período constitucional. Mas se ganhar a oposição, haveria a situação de "falta absoluta do presidente" prevista no artigo 223 da Constituição, o que exigiria novas eleições em trinta dias. Se a "falta absoluta" ocorrer nos dois últimos anos do mandato, o vice-presidente executivo completaria o mandato.

Tudo isso se dá num ano eleitoral, com eleições para governadores, deputados e Conselhos legislativos nos estados. De toda forma, as manifestações nas ruas de trabalhadores, movimentos populares, frentes de mulheres e jovens do chavismo, vem demonstrando a sua decisão de defender suas conquistas sociais e econômicas consagradas na Constituição.

De Maracaibo,  
Alberto Salcedo

# Delegações às embaixadas dizem “não ao golpe”!

Sindicalistas e dirigentes partidários se solidarizam com a luta no Brasil

O Acordo Internacional dos Trabalhadores (AcIT), lançou uma campanha internacional contra o golpe no Brasil. A campanha se baseia em uma carta enviada pelo Diálogo e Ação Petista que reproduz a moção da CUT, na qual a central denuncia a ofensiva contra o governo Dilma e as organizações dos trabalhadores, pedindo a solidariedade do movimento sindical e democrático de todo o mundo na luta contra o golpe em marcha.

Desde o início da campanha, em 24 de março, em diversos países, centenas de ativistas, entidades sindicais e partidárias, respondendo ao chamado do AcIT, enviaram moções, notícias de delegações às embaixadas brasileiras e atividades de solidariedade. Entre estes países estão Argélia, Alemanha, Argentina, Bélgica, Camarões, Canadá, Chile, Espanha, EUA, Equador, França, Grã-Bretanha, Guadalupe, Haiti, Ilhas Reunion, México, Peru, Portugal, Suíça, Venezuela e Togo. Abaixo notícias enviadas de alguns países.

**FRANÇA:** No dia 4 de abril uma delegação composta pelos sindicalistas Edith Bouratchik (CGT-FO) e Samy Hayon (CGT), por John Blot, (Partido Operário Independente) e Gerard Bauvert, (Comitê Internacional contra a Repressão) foi recebida pelo embaixador do Brasil em Paris, Paulo C. O. Campos. A delegação apresentou uma moção (lançada pelo AcIT) com 400 assinaturas de líderes sindicais e personalidades democráticas na França que estão, não apenas preocupados com a situação no Brasil que ameaça seriamente as organizações dos trabalhadores e as conquistas sociais da população, mas também indignados com a violência de ataques da direita e por alguns juízes e meios de comunicação do país, que é semelhante ao que pode ser chamado de um “golpe judicial”.

O Embaixador agradeceu à delega-



Delegação em Paris, 4 de abril

ção, e disse: “Eu sempre gosto de estar com as pessoas que estão trabalhando pela democracia. Há um movimento que não aceita resultados eleitorais (...). E há, do outro lado, muitos que têm protestando pela democracia, contra o impeachment. Nós temos no Brasil uma imprensa que expressa apenas a posição da oposição ao governo. E é isso que os meios de comunicação internacionais mostram: apenas um lado da informação”.

A delegação agradeceu o embaixador por sua recepção e assegurou também sua determinação para continuar a campanha. O embaixador comprometeu-se em fazer chegar tal mensagem ao governo brasileiro.

**ESPAÑA:** em 5 de abril, uma delegação de sindicalistas das centrais sindicais CCOO e CGT foi recebida na embaixada Brasileira em Madri, pelo ministro conselheiro, Rafael de Mello Vital.

A delegação explicou que seu objetivo era encaminhar uma moção surgida do próprio Brasil solicitando apoios para o rechaço ao golpe. Foi entregue então uma ampla lista de assinaturas da moção com nomes

de militantes de várias correntes: do partido Socialista, do Comunista, de trotskistas e de sindicalistas.

O representante da embaixada explicou em detalhes aos sindicalistas espanhóis a situação do processo que afeta a Presidente, destacando a votação do impeachment no dia 15 na Câmara e o possível posicionamento do Supremo.

Após ouvi-lo, os sindicalistas disseram, “nós na Espanha tivemos uma situação parecida, em que se aproveitando de umas acusações de corrupção em Sevilha, a polícia chegou a parar o trânsito para intervir na sede da UGT, montar todo o show midiático que interessava aos setores de direita da sociedade e



Delegação em Madri, 5 de abril

apreender computadores com dados dos sindicatos etc. Ou seja, se utiliza muitas vezes da palavra corrupção para atacar as organizações operárias e democráticas. E nós queremos estar ao lado das organizações dos trabalhadores no Brasil, neste momento em que querem utilizar acusações não comprovadas contra Lula e Dilma, para atacar o PT, a CUT e o mandato da Presidente de mais de 54 milhões de votos.

Não conhecemos como funciona a Justiça no Brasil. Mas na Espanha todo o aparato judicial tem suas

raízes na ditadura de Franco. Sua seleção, funcionamento, escolas, são uma continuação. Isso se nota em todos os aspectos judiciais relacionados aos direitos democráticos dos sindicatos, das liberdades públicas.



Delegação ao consulado brasileiro em Bilbao

A condução coercitiva de Lula, feita por um juiz que extrapolou totalmente a legalidade, gerou um curso golpista e de insegurança aos direitos arrancados pelo movimento dos trabalhadores. Conhecemos o que está ocorrendo em alguns países em que o imperialismo quer romper a resistência (...) às pretensões dos EUA. Para todos eles se aplica a mesma política, como na Venezuela. O Brasil é um país muito importante, não só na América Latina, mas também para o movimento dos trabalhadores em nosso país.” No dia anterior, 4 de abril, uma delegação foi recebida pelo consulado brasileiro em Bilbao, país Basco.

**OUTROS PAÍSES:** uma delegação de sindicalistas representando a Associação de servidores da Transeltric e das Empresas de Água de Quito foi recebida pela embaixada brasileira no Equador no dia 6 de abril. No mesmo dia, em Togo, uma representação do Partido dos Trabalhadores do Togo entregou na Embaixada do Brasil, em Lomé, uma carta solicitando conversa com o embaixador que deveria receber também uma delegação da central UNSIT. No fechamento da edição, estavam previstas delegações na Bélgica e em Portugal.

## “APÓS O GOLPE O HAITI DESCEU AO INFERNO”

A Confederação dos Trabalhadores (as) do Setores Público e Privado do Haiti (CTSP), enviou à CUT uma mensagem onde “condena o comportamento da direita brasileira, de grupos financeiros, dos meios de comunicação tradicionais e das forças de obscurantismo do Brasil que se decidem dar um golpe contra a presidenta Dilma Rousseff (...).

A CTSP lembra tristemente da manipulação orquestrada pela mídia, finanças e outras forças reacionárias para derrubar o presidente Jean-Bertrand Aristide em 2004, utilizando as mesmas fórmulas. Após o golpe, o Haiti desceu ao inferno.

Viva a luta dos trabalhadores, viva o Brasil contra qualquer forma de golpe de estado, viva a democracia e a justiça social.”

Jean Bonald Golinsky FATAL, secretário-geral da CTSP

## Assine **O TRABALHO** ★

Receba *O Trabalho* em sua casa, a cada quinzena

■ 12 edições: R\$45,00 ■ 24 edições: R\$90,00 ■ 24 edições Solidário: R\$150,00

A partir do nº \_\_\_\_\_ Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Peça sua assinatura por e-mail ou carta

Deposite na conta Banco do Brasil – Agência: 4055-X, C/C: 8894-3

Envie comprovante junto com o cupom para Rua Caetano Pinto, 678 – CEP 03041-000 – São Paulo

Fone/fax: (11) 2613-2232